

7 = 03.690 ao invés de Obra sobre a arte, traduzida para o português deveria ser Obra sobre a arte, traduzida do português.

7 = 82 = 03.40 ao invés de Obra sobre arte em russo, traduzida para o francês deveria ser Obra sobre arte em russo, traduzida do francês ou, então, Obra sobre arte, traduzida do francês para o russo.

Mas este pequeno senão de nenhum modo diminui o valor do trabalho realizado pela autora.

ASTÉRIO CAMPOS

Departamento de Biblioteconomia
Universidade de Brasília



DANTON, J. Periam. *The dimensions of comparative librarianship*. Chicago, American Library Association, 1973. 184 p. ISBN 0-8389-0154-9. \$ 6.95.

FOSKETT, D. J., ed. *Reader in comparative librarianship*. Englewood, Information Handling Services, 1976. 333 p. ISBN 0-910972-61-3. (Reader series in librarianship and information science, 23)

Embora alguns trabalhos comparativos no campo da Biblioteconomia tenham sido publicados em francês e inglês já no século passado, a expressão "*comparative librarianship*" só foi cunhada pela primeira vez em 1954 pelo bibliotecário norte-americano Chase Dane. Em 1973 apareceu a primeira grande e controversa análise sistemática das contribuições deste novo campo da Biblioteconomia — *The Dimensions of Comparative Librarianship* — realizada por J. Periam Danton.

Danton fez uma revisão implacável de todos os artigos e livros publicados sobre a matéria até aquela época e terminou aceitando como definição que a Biblioteconomia Comparada “é a análise de bibliotecas, sistemas de bibliotecas, alguns aspectos da Biblioteconomia ou problemas bibliotecários em dois ou mais ambientes nacionais, culturais e sociais, nos termos de seus contextos sócio-políticos, econômicos, culturais, ideológicos e históricos, sendo essa análise com o propósito de entender as similaridades implícitas e as diferenças, assim como para determinar explicações para as diferenças, com o propósito principal de propor generalizações e princípios válidos”. Inere-se da definição proposta por Danton (definição que resultou da síntese das definições de outros autores por ele escrutinados) que a Biblioteconomia comparada é basicamente internacional e que ela, deixando de ser provinciana e tímida, poderia chegar a generalizações mais válidas que possibilitassem o surgimento de leis e princípios necessários ao desenvolvimento de uma verdadeira “filosofia da Biblioteconomia”.

Danton arrematou a sua definição colocando em evidência a necessidade de a nova subdisciplina basear-se em dados e documentos, mediante o uso de métodos comparativos e sempre numa base “**cross-societal**”, vale dizer, entre duas sociedades diferentes. D. J. Foskett – que fora muito criticado por Danton – aparece em livro posterior defendendo-se com fina ironia, aclarando que tais diferenciações “não devem ser tão diametralmente opostas como para tornar a comparação impossível e nem tão semelhantes como para que a comparação seja inútil” ...

O livro de Danton, embora seja até agora o mais extraordinário intento de síntese, foi considerado por muitos como devastador e, infelizmente, chegou a algumas conclusões contraditórias e de difícil sustentação. Uma delas parece ter sido a incapacidade de Danton de isolar plenamente a “Biblioteconomia Comparada” do que se convencionou identificar como “Biblioteconomia Internacional” pois o autor insiste na tecla de que a comparação só será válida quando exercitada sobre duas sociedades diferentes (embora admitindo pudesse ela ser feita, por exemplo, entre as comunidades de língua francesa e inglesa do Canadá). Praticamente, ele não reconhece a possibilidade de uma comparação de técnicas em diferentes instituições dentro de um mesmo país como parte da Biblioteconomia Comparada, embora esse tipo de comparação seja prática normal em outras disciplinas comparadas da área das ciências puras e aplicadas.

O livro de Danton continua sendo fundamental para quem pretende iniciar-se nesse novo campo. Porém, uma reação aos seus pontos de vista não poderia deixar de surgir do outro lado do Atlântico. Os “críticos” por Danton reúnem-se agora em antologia prefaciada por D. J. Foskett, que teve a lisura de incluir o próprio Danton entre os autores escolhidos, aliás, com justiça. Trata-se do **Reader in Comparative Librarianship**, organizado e prefaciado por Foskett.

Um dos propósitos do livro é “identificar os aspectos objetivos e as características da Biblioteconomia Comparada justamente para distinguir esta da variedade internacional de estudo”; precisamente para mostrar que “estudos comparados não são necessariamente internacionais” enquanto que “estudos internacionais não são necessariamente – em verdade freqüentemente eles não são – comparativos”. Pretende também demonstrar que, sendo o propósito de formular comparações chegar-se a conclusões sobre a natureza e o curso de eventos, os estudos comparativos são básicos para a prática da Biblioteconomia nos seus aspectos técnicos assim como também nos seus aspectos sociais e administrativos.

O livro de Foskett reúne textos já clássicos e outros mais recentes sobre a matéria, divididos em 4 grupos, a saber: 1) Biblioteconomia Comparada como um campo de estudo: definições e dimensões; 2) o método comparativo na prática: exemplos e lições; 3) estudos de casos em Biblioteconomia Comparada; 4) estudos comparados

em problemas técnicos de biblioteconomia e Ciência da Informação. No segundo grupo, estão trabalhos oriundos do campo do Direito, da Sociologia, da Antropologia, da Política e os da Educação Comparada, considerada a *prima-irmã* da Biblioteconomia Comparada, que está dando ainda os seus primeiros passos.

Os colaboradores são os mais eminentes. Além de Foskett e Danton, estão os clássicos: Ranganatham e Engels, e os “papas” da nova disciplina: Asheim, Simsova, Dane, Dorothy Anderson e Louis Shores. Inclui autores norte-americanos, europeus, africanos e asiáticos, mas, lamentavelmente, nenhum latino-americano (não por culpa do compilador mas porque a nossa contribuição na área é ainda precária).

Em síntese, segundo Foskett, a Biblioteconomia Comparada é aquele ramo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação no qual um número de sistemas – sua estrutura, funções e técnicas – é examinado com o propósito de colocar tais aspectos dentro de um marco de referência aplicável para todos eles; o estudo do papel que cada um desses aspectos desempenha no desenvolvimento do sistema, para julgar sua significação em relação tanto com os outros aspectos do mesmo sistema como com outros sistemas; tendo como objetivo avaliar as causas e os efeitos, e, a partir daí, formular hipóteses – quando apropriadas – como o melhor dos meios para o desenvolvimento posterior de um ou mais sistemas”.

A novidade da definição proposta por Foskett é que não coloca o aspecto internacional como *sine qua non*, advogando por um objetivo prático sem o qual o estudo torna-se um estéril exercício acadêmico como o praticado por alguns cultores da bibliometria. Foskett não faz referência à interdisciplinaridade da Biblioteconomia Comparada, mas ele mesmo reconhece que uma disciplina científica, baseada na metodologia sistemática, dificilmente pode ser aprisionada numa definição global.

J. Periam Danton, apesar da crítica que agora se lhe faz, parece ter dito o que ainda é o mais razoável em toda esta história: que a Biblioteconomia Comparada mais do que uma nova disciplina deveria ser considerada como um "método". Deveria, talvez, chamar-se "Método Comparado de Biblioteconomia". As contribuições futuras no campo talvez um dia justifiquem a sua autonomia como verdadeira disciplina e a presente polêmica entre os poucos cultores é válida e estimulante.

ANTONIO MIRANDA

Coordenação do aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Brasília, DF



HARVEY, John F., ed. **Comparative & international library science**. Metuchen, N. J., Scarecrow Press, 1977. 286 p. ISBN 0 8108 1060 3. \$ 12.00

Talvez porque as comunicações estreitam as relações entre os povos ou devido ao amadurecimento da própria Biblioteconomia nos diversos países, o certo é que os anos 70 viram surgir, em crescendo considerável, artigos sobre Biblioteconomia Internacional e Comparada. A Inglaterra, neste terreno, reúne a maioria dos especialistas (Simsova, Thompson, Parker, Foskett, etc.), e, do lado de cá do Atlântico, J. Periam Danton é o Dom Quixote dos argumentos e das revisões terminológicas, pois o terreno é ainda novo, move-diço e indefinido. Muitas das definições são confusas e contraditórias, e a própria terminologia em que se baseiam não tem validade internacional.

Surge agora esta obra em que aparecem contribuições (infelizmente, ainda não definitivas pelas indefinições próprias da "nova" ciência) de Danton, Foskett, Boaz, Vickery, Thompson e outros menos conhecidos do público brasileiro, versando sobre definições, pesquisas e os progressos recentes na área.